

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Famílias, Casamentos e Mestiçagens no Recife Colonial

Gian Carlo de Melo Silva*

Resumo: O presente estudo é parte de uma pesquisa maior em que buscamos entender o processo de mestiçagem em que vivia a sociedade recifense no final do século XVIII, por meio da formação de famílias legitimadas e originadas no “santíssimo sacramento do matrimônio”. Utilizando como fonte assentos de casamento encontrados na Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio do Recife, observamos uma variedade enorme de pessoas das mais diversas localidades, dentro dessa pluralidade colorações somáticas de origens, portugueses, africanos e brasileiros. A freguesia se revela emblemática na compreensão de uma coletividade, que encontra-se residindo na fronteira entre o porto e o acesso para o interior da capitania congregando nesse cotidiano, diversas misturas étnicas e culturais.

Palavras – Chave: Família, Casamento, Sociedade.

Abstract: The present study is part of a bigger research where we search to understand the mestization process at the recifense society in the end of century XVIII lived by means of the formation of families legitimated and originated in "santíssimo sacrament of the marriage". Using as source seats of marriage found in the First Church of the Santíssimo Sacrament of Saint Antonio of Recife, we observe an enormous variety of people from the most diverse localities, inside of this plurality somatic colorations of origins, Portuguese, Africans and Brazilians. The clientele if discloses emblematic in the understanding of a collective, that meets inhabiting in the border between the port and the access to get in the captainship congregating in this daily one, diverse ethnic and cultural mixtures.

Key-Words: Family, Marriage, Society.

*...O traço europeu
Alma e raça africana
Que tanto sofreu
Se misturou com sabor imigrante
Deixando heranças culturais
Incomparável mistura, só aqui se faz
Brasil arte numa tela multicolor...¹*

O Casamento e a Mestiçagem

O casamento católico foi inserido dentro dos objetivos de povoamento da coroa portuguesa visando garantir a posse do vasto território brasileiro, que já despertava o interesse

* Mestrando em História Social da Cultura Regional - UFRPE

¹GILSINHO. Diniz, Mauro; Cavaco Ary do; Scafura, Junior; Cruz, Marquinhos de Oswaldo; Naldo.[Compositores].In: **Brasil marca tua cara e mostra para o mundo**.Gravadora Escola de Samba LTDA, 2005. 1 cd (ca. 77 min.49 s.) .Faixa 13 (5m. 43s.).

de outras nações, principalmente ingleses e franceses que se aventuravam nas terras portuguesas extraindo o pau-brasil.

Com a presença desses novos invasores, Portugal decidiu tomar posse do que era seu por direito, garantido pelo tratado de Tordesilhas. Dentre as principais iniciativas temos a partilha do território em diversas capitanias, que são cedidas para serem administradas por homens nobres do império português. O envio de famílias, além de garantir a presença da coroa foi algo estratégico, pois, ao trazer sua família seria uma garantia de fixação desses homens e a partir deles outros também viriam povoar o Brasil funcionando assim como um atrativo para novos colonos.

Entretanto, não foram somente famílias formadas que desembarcaram aqui no nosso passado colonial, muitos homens solteiros, aventureiros, ou que tinham abandonado mulher e filhos na Europa encontram nos braços das índias o conforto e os prazeres do corpo e nesses contatos de pessoas com culturas e origens diferentes surgem os *mamelucos*, que segundo Zacarias Wagner era possível encontrar formosos e delicados tipos, quer de homens quer de mulheres (WAGNER, *apude* COSTA, 1983, p.200), e num local onde a falta de mulheres brancas para casar era algo constante.

A ausência dessas mulheres fez com que as índias ou suas filhas passassem a ser alvo do desejo dos portugueses para suas esposas legítimas, dando início à formação de uma nova família, composta a partir do contato de culturas, religiosidades, crenças e somatismos díspares inventando uma das bases da sociedade brasileira, a família mestiça. Entretanto é necessário pensar também que Portugal tinha uma população numericamente pequena, se fosse depender apenas de portugueses para a execução do projeto colonizador o mesmo falharia. Assim, a conversão dos mamelucos e pardos a este projeto foi fundamental.

Mestiçagem que se processou num contexto de dominação, da cultura que se dizia civilizada, contra atrasada, mas que gera um processo de miscigenação singular em todo mundo, que se torna mais complexo com a chegada do homem negro vindo da África para viver sob a égide da escravidão.

Não foi somente através dos relacionamentos ocorridos nas matas e nos lugares ermos do cotidiano colonial que o contato entre homens e mulheres ocorreu de forma mais “quente”, dando continuidade a essa mistura de corpos e que nos faz ser tão mestiços. Existiram contatos dentro das casas, nos engenhos e também nas famílias que se formavam, legítimas aos olhos de Deus, ou somente aos olhos dos homens, seja com as índias já possuidoras de ½ do sangue “civilizado” ou com as negras que viviam como escravas.

No processo de mistura veremos a Igreja e o Estado tentando combater o pecado em que vivam alguns homens e mulheres. Foi nesse contexto que o casamento se inseriu como a forma de salvação dessas almas pecadoras, garantindo assim, a legitimação da família na sociedade e conseqüentemente o povoamento, além da propagação da fé católica numa união constituída aos olhos de Deus com as bênçãos do reverendo padre. Casamentos entre índios ou portugueses com mulheres negras, crioulas, brancas, pardas, mamelucas, ou como foram denominados, todos em alguma medida se misturaram, formando uma nova gente, um novo povo, mestiço desde sua invenção.

O Nascimento de uma Criança

No ano de 1799 uma parteira e talvez algumas outras mulheres que pudessem ajudá-la estavam reunidas na casa de uma certa Zeferina Barboza,² que encontrasse em trabalho de parto e consegue trazer ao mundo o fruto de seu ventre, a pequenina Jacinta, uma menina parda que nasce próximo ao início de um novo século em que grandes transformações atingiram o Brasil e Pernambuco, que foi marcado por revoltas e insurreições em busca de liberdade, a independência de política do Brasil diante de Portugal e o alvorecer do Império Brasileiro.

Sendo esse o cenário que estava reservado para Jacinta, não sabemos se ela conseguiu sobreviver às intempéries da fase dos cueiros, mas um fato é certo, Jacinta não pode ser incluída no grupo dos pardos desafortunados pelo destino que nasceram fruto de relações mal vistas pela moral, da Igreja e da sociedade como o concubinato ou amancebamento onde muitas crianças, frutos desses relacionamentos caíram nas malhas da escravidão.

Buscar entender quem era essa mãe nos fez ir além do que pretendíamos. Primeiramente temos que começar nossas observações a partir do continente africano, dentro das terras que forneciam mercadoria humana para os mercados de compra dos escravos espalhados no mundo, que foram explorados pelos portugueses e outros povos principalmente a partir da formação de laços com a nobreza de várias regiões da África, o que facilitou o comércio de escravos para as colônias americanas (SOUZA, 2006, p.114-135).

A vinda de Zeferina para cá, desde de sua possível captura pelos atravessadores de escravos na África nos leva a refletir um pouco de como se dá esse fluxo de gente, trazidos dentro de navios para atender a demanda de força humana necessária para a exploração das

² Arquivo da Matriz de Santo Antônio do Recife (AMSAR) - Livro de Batismo 1800, assento. p. 352.

terras, cultivo das lavouras, tendo suas energias sugadas dentro do sistema escravocrata visando atender aos lucros dos senhores que cresceram a partir do século XVIII no Brasil.

Voltemos ao nascimento da pequena Jacinta, que era filha de mãe preta, uma ex-malunga ³(CARVALHO, 2001, p.186), que provavelmente procuraria uma união com algum homem vindo de sua terra, da mesma origem, língua e costume, algo que facilitaria sua adaptação e posterior sobrevivência dentro da escravidão. ⁴

Partindo de uma perspectiva, na qual os escravos não foram tão submissos aos seus senhores nem ao sistema como um todo, pesquisas conseguem identificar mulheres negras, escravas que usavam a sedução, o poder e fascínio que exerciam entre os homens para auferirem meios que facilitavam a melhoria de vida, sua sobrevivência dentro da escravidão, comprando sua liberdade ou simplesmente possuindo bens e utensílios que eram privilégio de uma minoria.⁵ Muita “negrinha” conseguiu despertar a ira de suas senhoras, das esposas dos homens com os quais mantinham relações e vitimadas devido ao ciúme incontrolável e vingativo tiveram partes de seu corpo arrancado, algumas chegando até a serem mortas. (FREYRE, 1999b, p.337).

Nesse contexto nos perguntamos em que grupo se enquadraria Zeferina Barbosa? Teria sido essa mãe, mais uma escrava que usou do seu corpo para conseguir vantagens com o seu senhor, vivendo de portas adentro e desse relacionamento nasceu mais uma mestiça?

Ao tentar reconstruir a história de Zeferina podemos afirmar que ela era uma mulher solteira no início do ano de 1799, moradora da freguesia de Santo Antônio do Recife, ladeada pelas águas do Capibaribe e que era passagem quase obrigatória para as terras continentais propriamente ditas (CARVALHO, 2001, p. 39); ao ser mãe era uma mulher forra, tendo sido seu último e talvez único senhor um certo Antonio Fagundez.

Zeferina inseriu sua filha na religião católica, batizando-a com menos de 20 dias de nascida e em bom estado de saúde, já que foi a mãe e não a parteira quem levou a criança

³ Ser um malungo significava uma forma de solidariedade com outros africanos construída na travessia da África para o Brasil, segundo Marina de Mello essa foi a primeira relação sólida desenvolvida pelos africanos e que possibilitou uma nova maneira de se inserirem numa realidade diferente e de reconstruírem um mundo para si. (SOUZA, 2006, p.148). Assim, ao nos referirmos a Zeferina como uma ex-malunga tentamos resgatar toda uma carga de solidariedades que ela pode ter feito parte, além do processo de reformulação de sua identidade que começa já a partir do momento em que ela passa a ser originária da “Costa da Mina” perdendo todo um referencial de raiz e local de origem, de nascimento, para fazer parte de uma região muito ampla da costa africana.

⁴ Ainda não existem estudos para Pernambuco que identifiquem a ocorrência dos casamentos entre africanos dentro do próprio grupo de origem sendo este um campo de pesquisas a ser desbravado na historiografia local.

⁵ Algumas mulheres escravas conseguiram comprar sua liberdade através da prostituição e algumas escravas de ganho por meio da venda de seus produtos ou do contrabando na região da minas. (Cf. FIGUEIREDO, 1993: p. 34 *et seq.*)

na igreja para receber os “santos óleos”,⁶ sendo mais uma alma introduzida no seio da religião católica tão presente no Brasil desde o começo de sua colonização e que tinha no batismo uma das necessidades para o fiel católico.

O gesto de batizar a filha revela uma familiaridade com o catolicismo e o que a inserção nos seus ritos poderia proporcionar. Essa mãe também pode ter sido batizada ao desembarcar na América, um dos primeiros atos no processo de desconstrução e reformulação da identidade dos africanos ao chegarem às novas terras, pois o fato de possuir um nome e sobrenome, comuns para o cotidiano colonial é um indicativo do mesmo. Talvez tenha adotado o Barboza do seu antigo senhor, já que esse era um costume entre os escravos algo que podemos observar como uma estratégia para conseguir alguma garantia de proteção ou mais uma marca que era imposta pelo dominador, distinguindo com seu nome a sua propriedade, todavia no caso de Zeferina não conseguimos encontrar o nome completo do proprietário que lhe concede alforria não sendo possível ratificar esta possibilidade.

Depois de traçarmos um pouco da história da mãe de Jacinta, os possíveis caminhos pelos quais passou e percorreu ao longo de sua jornada desde a África até a freguesia de Santo Antônio do Recife ainda existe outro lado que precisamos tentar responder, afinal o cromatismo da menina Jacinta ainda não foi respondido, quem é a outra metade do cruzamento.

Sendo o produto final dessa síntese, a parda Jacinta, encontramos no outro lado de sua origem Nicolau Maria Pereira Santiago, que igualmente a Zeferina era morador da freguesia de Santo Antônio do Recife e não tinha seu local de nascimento na mesma freguesia, mas sim na de Santa Cruz do Castelo, localizada nos arredores da cidade de Lisboa em Portugal, próximo ao rio Tejo e as atuais freguesias do Castelo e de Santiago.

Acerca do nosso português não conseguimos rastrear nenhum passaporte que o autorizava vir para o Brasil, nem de seu pai, já que poderiam ter vindo todos juntos, entretanto constatamos que Nicolau não veio para a capitania de Pernambuco ainda criança acompanhando seus pais, pois ao ser dispensado dos banhos de sua origem, no caso Lisboa, não alegou ter vindo de “menoridade” para freguesia de Santo Antônio do Recife.

Nicolau Maria era um homem que tinha pais e mães vivos, ao menos até a data de 26 de junho de 1799, só não sabemos onde estavam, em Lisboa, na freguesia de Santa Cruz do Castelo ou em Santo Antônio do Recife. Esse dia marcou as vidas de Zeferina e Nicolau, pois ambos comparecem a Igreja de Santa Rita, localizada na freguesia e recebem as 19:00

⁶ Ao analisar os batismos da Matriz de Santo Antônio percebemos que as parteiras estavam presentes nesses assentos quando a mãe ou a filha estava correndo risco de morte, algo que não ocorreu com Jacinta e sua mãe Zeferina.

horas a bênção do padre Manuel Pereira Camello, que os consagra marido e mulher perante Deus e a sociedade.⁷

Sendo testemunhas desse ritual Bernardo Pereira da Sylva e Jozé Tavarez, homens que certamente entendiam muito bem o que estavam testemunhando, por já serem casados e talvez escolhidos de modo pensado para o enlace dando maior crédito aos nubentes a ao ritual de seu matrimônio, algo que pode ser justificado pela não presença das mesmas testemunhas em casamentos ocorridos no mesmo ano nas diversas igrejas da freguesia. Homens conhecidos, casados e moradores da mesma freguesia, que ao testemunharem tal enlace, dão ao mesmo à credibilidade que um casamento necessitava para ocorrer .

Tendo o mútuo consentimento dos nubentes e a presença das testemunhas necessárias para validar o casamento, no dia 26 de junho estava sacramentada a união de um lusitano com a africana que se conheceram no cotidiano colonial da Vila do Recife, formaram uma família reconhecida e que se enquadravam nos moldes ditados pela moral da sociedade.

Agora que conseguimos traçar parte da história não só da pequena Jacinta, mas também de seus pais podemos entender a “pardialidade” de sua pele. Entretanto um dado curioso nos chama atenção quando juntamos os assentos de batismo e casamento que envolve a família Santiago Barboza, ao observarmos o dia de nascimento de Jacinta e das núpcias de seus pais existe uma proximidade muito grande. Sabemos como foi dito anteriormente que a pequena Jacinta era uma criança saudável ao nascer pelas pistas que o documento deixa escapar, sendo assim ela não era prematura.

Com esse indício da boa saúde da criança e o pouco tempo que separa a união dos pais de Jacinta e seu nascimento, quase sete meses, cogitando que a pequena nasceu no tempo normal de uma gravidez verificamos que Zeferina, a escrava forra e africana da Costa da Mina casou grávida, com aproximadamente 90 dias de gestação.

Difícil imaginar que uma gravidez, possivelmente indesejada, pudesse acabar de forma tão surpreendente para uma mulher como Zeferina, depois de todas as intempéries pelas quais passou conseguiu formar uma família constituída legitimamente no limiar do século XIX em pleno regime escravocrata. Não queremos elevar nossa família mestiça em exemplo único de formação familiar “exótica”, mas mostrar que existiam possibilidades, as brechas dentro do próprio sistema que não relegava a todos o mesmo destino, principalmente para as mulheres negras. Talvez Zeferina tenha tido sua alforria comprada pelo seu futuro marido antes do casamento, para assim poder ter uma esposa livre e por inteiro.

⁷ Arquivo da Matriz de Santo Antônio do Recife (AMSAR) - Livro de Casamento 1799, assento. p. 54.

O que pensou a sociedade ao se deparar com uma família como esta? Os preconceitos com relação ao negro eram tão fortes a ponto de uniões entre “elementos” diferentes não se unirem, vivendo numa promiscuidade tolerável? O que levou Nicolau a assumir um relacionamento com uma ex-escrava, que não era crioula ou parda, mas sim negra africana? Muitas questões envolvendo a trama social e o íntimo dos nubentes, o amor, o desejo, as estratégias e táticas usadas dentro e fora do relacionamento para alcançar o matrimônio ficam sem respostas pelas delimitações dos documentos e dos destinos de nossos personagens.

O nascimento de Jacinta no Recife colonial é um entre tantos outros exemplos de uniões que deram origem a frutos mestiços, dando continuidade à mistura que começou no início da colonização com a chegada dos primeiros europeus e se processou durante muitos anos e existe até hoje, e como diz o trecho do samba citado em nossa epígrafe, *só aqui se faz Brasil arte numa tela multicolor*, multi pelas misturas, pelos resultados finais das sínteses que Bomfim nos escreveu no início do século XX, um misto eclético de cores, formas e traços físicos, de genética que forma um povo tão singular.

Referências

AHU - Avulsos de Alagoas. Cx. 01, Doc. 34, 1726.

AMSAR - Livro de Casamento 2. ano de 1799.

AMSAR - Livro de Batismo 3. ano de 1800.

Sonoro:

GILSINHO. Diniz, Mauro: Cavaco Ary do: Scafura, Junior: Cruz, Marquinhos de Oswaldo: Naldo.[Compositores]. *In: Brasil marca tua cara e mostra para o mundo*. Gravadora Escola de Samba LTDA, 2005. 1 cd (ca. 77 min.49 s.) . Faixa 13 (5m. 43s.).

Bibliografia:

ANASTACIA, Carla Maria Junho & PAIVA, Eduardo França. (Orgs) **O Trabalho Mestiço: Maneiras de pensar e formas de viver séculos XVI a XIX**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2003.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife 1822-1850**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001. 353 p.

_____. *De Portas Adentro e de Portas Afora: Trabalho Doméstico e Escravidão no Recife, 1822-1850*. *In: Revista Afro-Ásia* Vol.29/30, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global, 2004. 954 p.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. **Anais Pernambucanos 1795 – 1817**. Recife, FUNDARPE. 1984.

FARIA, Sheila de Castro. **A Colônia em Movimento** – Fortuna e Família no Cotidiano Colonial. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1998. Coleção Histórias do Brasil. 432 p.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste** –Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil. 5º edição. Rio de Janeiro: José Olympio; Recife: FUNDARPE, 1985 a. 203p.

_____. **Casa-Grande e Senzala** – Formação da família Brasileira sob o regime da economia Patriarcal. 36º edição. Rio de Janeiro: Record, 1999 b. 569 p.

INSTITUTO DO AÇÚCAR E DO ÁLCOOL – IAA. **Documentos para História do Açúcar**. Vol. I. Legislação (1534-1596). Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1954.

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Negra**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

PRIORE, Mary Del. **Mulheres no Brasil Colonial** – A Mulher no Imaginário Social Mãe e Mulher, Honra e Desordem Religiosidade e Sexualidade. São Paulo: Contexto. 2003. 95 p.

PAIVA, Eduardo França. **Escravidão e Universo Cultural na Colônia**. Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2001. 285 p.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito**. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

REYCEND, João Baptista. **O Sacrosanto, e Ecumenico Concilio de Trento em Latim, e Portuguez**: dedicado e consagrado aos Excell. e Rev. Senhores Arcebispos, e Bispos da Igreja lusitana. Tomo I e II. Lisboa: Officina Patriare de Francisco Luiz Ameno. 1781

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis Negros no Brasil Escravista**: História da coroação do Rei do Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 387 p.

VAINFAS, Ronaldo. **Trópico dos Pecados**: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1997. 363 p.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**, Feitas e Ordenadas pelo Ilustríssimo, e Reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade, Propostas e Aceitas em Sínodo Diocesano, que o dito Senhor Celebrou em 12 de Junho do ano de 1707. São Paulo: Typografia de Antonio Louzada Antunes 1707.